

O SARDÃO

EDITOR, DIRECTOR E PROPRIETARIO

Antonio J. Cachada

Redacção e administração
R. Infante D. Henrique, 5 e 7

Composição e impressão

PUBLICA-SE NOS DIAS EM QUE SAIR

«EMPRESA TIPOGRAFICA»—Barcellos

FOLHA ILUSTRADA, INDEPENDENTE, COM ASPIRAÇÕES A HUMORISTICA

A NOSSA DIVISA—Trazer a cobrança em dia, para conhecer os bons pagadores

7.º ANO

Barcellos, Dezembro de 1915

N.º 53

Mais um ano

«O Sardão» nasceu em 15 de Dezembro de 1909, dez dias antes de Nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo as crónicas, veio ao mundo a 25 do mesmo mez, época em que, por estes factos, é costume comer as rabanadas e mexidos.

Dominava então o ceu o planeta Sagitario e o varão que nascer sob a influencia dêste signo será envergonhado, afavel, honesto e venturoso. Terá temperamento robusto e espirito empreendedor o que o fará gozar uma invejavel posição. Será afeiçoado aos jogos de destreza e força. Sofrerá dano causado por quadrupede e viverá, segundo a sua compleição, até que Deus seja servido chama-lo á sua presença.

Ora, com todas estas predições a actuar sobre o seu espirito, «O Sardão» deu, como se tem visto, uma honesta, recatada e envergonhada creança, que cheia de pudôr e com as faces ruborisadas, coçando a cabeça e chuchando no dedo polegar, as sabe dizer de cara levantada aos cinicos, farcistas e troca-tintas que por esta malfadada terra abundam.

A sua invejavel posição é devida a não precisar de ninguem, e a não dever favores á malandragem dominante, que o olha com rancor.

A sua afeição aos jogos de destreza está demais provada nas ligeiras ripadas que tem chegado ao se Zezinho e a outros hypocritas da sua força que ahi tem querido passar por alguem e a quem «O Sardão», com saltos muito ageis tem arrancado a mascara.

Quanto ao dano causado por quadrupede, de que fala o signo, é que ainda se não realisou, se bem que o Estabareda e outras bestas do seu jaêz tenham muita vez arrebitado as orelhas e dado uns pares de *parelhas* para o ar, que a ninguem tem feito mal.

A sua morte, apesar de anunciada por varias vezes, não chegou ainda, graças ao sôro de energia que lhe gira nas veias.

Eis minhas senhoras e meus senhores, clero, nobreza e povo, como diria o gramfonico dr. Assis, a razão porque hoje «O Sardão» rejubila e se sente vigoroso, cumprindo mais um ano de vida trabalhosa, por entre ameaças e más vontades, mas sempre triunfante nas suas campanhas moralisadoras, cheias de justiça e de verdade.

Agradecêmos desde já os cumprimentos costumados dos colegas e amigos e terminamos com a risonha promessa de que *ainda cá estêmos*.

Saude e Pintos.

A REDACÇÃO.

Em nome do Senhor

Na freguezia de Vila Cova, que desta vila dista apenas nove quilometros, ha um padre que, como quasi todos os padres, é um modêlo de bondade e resignação.

Dotado de tamanhas virtudes e tão propenso á pratica do bem, o referido egresso deu-se o outro dia ao prazer de espancar um velho mendigo, a ponto tal, que lhe partiu um braço!

O desgraçado velho cometera o

crime de não tirar o chapéu a sua reverendissima e o bom do tonsurado que tem por dever dirigir almas para o céu, abriu a cacete, nas costelas do mendigo, o caminho para o hospital, onde se encontra, que é a ultima estação de partida para o paraizo.

O relatarmos este caso tão simples mas tão demonstrativo da caridade eclesiastica, é apenas com o intuito de evitar trabalho aos jornais noticiosos locais que sobre esta banalidade fizeram absoluto silencio.

A' «Folha» não convinha dar a noticia por que o *criminoso* é padre e perdia talvez, se o fizesse, as indulgencias do snr. Arcebispo.

A' «Era» que é democratica, podia isso ser prejudicial nas proximas eleições porque o abade é correligionario do Zé Mula.

Ora nós que mostramos o forro do casaco ás indulgencias do snr. Arcebispo e o fundo das costas á influencia politica do padre espancador, vimos relatar o caso e fazer constar que o pobre pedinte está no hospital com um braço partido por obra e graça do abade de Vila Cova.

Se o caso fosse comnosco estavamos já na cadeia por fabricantes de moeda falsa. De uma coroa faziamos duas, com toda a certeza...

Escusado será dizer que o se Zezinho não soube de nada disto, senão tinha dado as suas providencias e metido o padre na cadeia, o que lhe teria acarretado, pelo menos da nossa parte, alguma simpatia e confiança, mesmo na actual carestia dos ovos que, apesar de apreendidos, e de fornecidos só aos amigos, tem faltado ao se Zezinho para umas ocasiões assim como esta.

Limpeza no frontispício

Continuam a chegar á nossa redacção as respostas sobre o inquerito ao motivo que levou o se Zezinho a deitar o bigode abaixo.

Aqui vão, pois, as ultimas respostas recebidas.

13.ª resposta

Um dia o se Zezinho, tentou, chegar-se a uma pequena da sua vizinhança, mas ela fez uma cara feia e disse-lhe que o bigode picava muito.

E vai d'aí, pegou na navalha e... *ruc, ruc!* Deitou o bigode abaixo. *Támém* está bem assim!

Fez a vontade á pequena e agora não tem espinhas.

Zê da Mãe.

14.ª resposta

O alcaide de Faria,
Diz-m'ô aqui um pergaminho,
Toda a barba se fazia:
Fez mui bem o se Zezinho.

Antas.

15.ª resposta

Nós as autoridades democraticas precisamos muitas vezes de nos disfarçarmos. Suponham vocês que o se Zezinho precisava de deitar petroleo nos ovos que tem mandado apreender, e que qualquer regateira lhe untava com ele o bigode e lhe chegava um fosforo. Foi medida de precaução muito acertada. Eu vou fazer o mesmo.

Calixto.

16.ª resposta

Ca...ca...ca...caramba!
O...o...o...bigode do...do...do
...se Zezinho fô...fô...foi co...co...
co...comido pe...pe...pe...pelas cen-
tu...centu...peias nó...nó...no...no-
cturnas.

Grilo n.º 2, correspondente.

17.ª resposta

Suponho que foi por conselho meu que ele rapou o bigode.

Sempre lhe disse que usasse antes chaniscas como as minhas.

Luiz das ditas.

18.ª resposta

Agora que levei mais uma injeccão de incenso no Janeiro e me sinto revigorado para a benemerencia de mandar

pintar mais um quadro, vou dizer-lhes que o bigode do se Zezinho foi rapado expressamente para com ele se encher uma traveseira para os meninos a dormir.

Zê de Bezerra.

19.ª resposta

Na policia de Braga quem limpa o correame e os candeeiros sou eu.

Pois desde que o se Zezinho rapou o bigode não faltam escovas.

Aquilo foi encomenda que lhe fez o chefe da minha quadrilha.

Virgilio.

20.ª resposta

Ora porque havia de ser que o se Zezinho rapou o bigode?

Foi porque tendo usado pêra o Tôjo, e o padre Ferraz das Neves, o se Zezinho, que é mais cretino que qualquer dos dois, e como eles uma boa ave de arribação apenas com a diferença de já estar aclimatada, quiz assim fugir a classificação zoologica dos vassourinhas á qual me honro de pertencer.

Mandão.

21.ª resposta

Sobre o bigode do se Zezinho, é esta a minha opinião:—«Uma cara sem bigode é como uma mulher sem peitos».

J. Caravana.

22.ª resposta

Não acham que eu assim sou muito mais pecego?

E depois, uma cara macia tem outros atractivos...

Ai, filhos, como sois meiguinhos...

Zê Mula.

No proximo numero, infalivelmente, fica encerrado o concurso.

GAZETILHA

*O meu fim é a risota,
Priminha da gargalhada,
Que a vil tristeza enxota
Da bela rapaziada.*

*Porem, se alguém me insultar,
—Bem alto aqui o digo—
Desatarei a zabumbar
Nos lombos dêsse inimigo.*

*Será porrada de escacha,
Será porrada que racha,
Será porrada á farta,*

*Seja êle rico ou pobre,
Seja plebeu, seja nobre,
Seja o raio que o parta!*

Famalicão

Juvenal Junior

A's armas!!!...

A' vezes, de longe a longe, somos tambem, obrigados, pela indignação que alguns acontecimentos nos causam, de falarmos a serio e com aquela desassombrada franqueza que sempre nos caracterisou, sem receio nem medo, que nunca tivemos seja de quem fôr.

Hoje por exemplo visto o espaço nos escassear, limitaremos este artigo a algumas perguntas, sobre o caso dos ovos, assunto que tem indignado quasi toda a gente em Barcelos, não tanto pela carestia, do genero, mas muito mais pela indelicadeza com que se responde ás pessoas que os procuram e pagam com o seu dinheiro sem precisar de recomendação:—

Então porque é que a autoridade consente que transitem livremente pelas ruas da vila os conhecidos açambarcadores de ovos, e manda prender e multar desgraçadas, que arrastam na hora presente uma vida horrivelmente desesperada de fome e miseria?

Então como é que a autoridade, sabendo a crise de ovos com que se lucha, admite a sua monopolisação, combinando ficar unicamente com algumas caixas?

Então qual o motivo porque a autoridade permite que dentro da repartição respectiva, haja quem mande, quem governe mais que ela?

Então como é que a auctoridade, sabendo perfeitamente que os ovos apreendidos pertencem ao empregado apreensôr e não áqueles que indecendentemente se arvoram em mandões, consente essa infame usurpação de direitos?

Então qual a razão porque a autoridade deixa que o mandão seu subordinado imediatamente inferior, sustente a sua clientela de amigos com duas, tres e seis duzias de ovos e responda desabridamente com um não, áqueles que não são amigos ou não levam o atestado de humilhação?

Isto não póde continuar.

Ou a autoridade providencia com a urgencia que o caso requer, ou então muito temos que vêr, pois muitas coisas que sabemos, sairão á luz e depois será tarde, muito tarde para recuar.

E' necessario que haja justiça, moral e brio.

CARTA DE BARCELINHOS
 Barcelinhos, 15, ao toque do recolher

A chuva tem-me causado grandes estragos nas montras dos armazens. Foram salvos com muito custo, do horroroso naufragio, um par de peugas e outro de chinelos que estão em tratamento á boca do forno da padaria Calixto.

—Já que falo neste subordinado do Zé Mula, vou narrar-lhes o que aqui aconteceu, num dos dias passados, com este famigerado protagonista da fita em 3 partes «Lança Petroleo».

Uma filha sua quer casar á viva força com um rapaz que o seu coração elegeu. O Calixto que não vê com bons olhos o casamento, tratou de o contrariar; mas o outro dia, ao saber que na igreja foram lidos os primeiros banhos, foi acometido de um *chelic* que o prostrou por alguns momentos. Ao voltar a si agarrou no bastão da regedoria e desancou a pobre da rapariga a ponto tal que a deixou amachucada para largo tempo. E' um pae exemplar e um filho da...da...(pega-me a lingua)...muito regular!

—Anda aqui toda a gente admirada, e eu tambem, por que dentro em pouco vamos ter agua por cima da ponte. Se assim fôr, quem ousar atravessa-la tem que tomar banho por força, pois que, por baixo, todos nós sabemos, passa o rio Eu cá, gosto mais de vinho, mas isto de agua por baixo e agua por cima, é de mais. Aqui fica o meu protesto.

—Tenho estado em silencio por que as cheias tem-me levado toda a inspiração que armazenava para as minhas cronicas. Assim que começarem as sementieras e forem lançados os estrumes ás terras, prometo dar de mim alguma coisa.

—Segundo um edital que o Calixto fez afixar na porta do meu estabelecimento, o S. João no proximo ano de 1916, será a vinte e seis de Junho e o S. Pedro a vinte e nove..

—Não me sai nada com geito da caixa das asneiras e por isso a proxima será como esta se não fôr peor.

Grilo 2.º

O'lari... O'laré

Um larapio, não bajôjo,
 De pé leve e mão ligeira,
 Apossou-se dum estojo,
 Duma navalha barbeira.

Dada a falta do ferrinho,
 E descoberto o ladrão,
 Foi, perante o se Zezinho,
 Chamado á Ministração.

Posto o roubo sobre a meza,
 O se Zezinho bradou,
 Com espanto e com surpresa:
 Quem m'ó estôjo roubou?

Como foi que mão ousada,
 Como foi que mão alheia,
 Foi tira-lo da pousada
 Lá da minha Dulcinêa?

Nada disse o criminoso
 Que, sereno, tudo ouviu;
 O Zé Mula, furioso,
 A sentença proferiu;

Que lhe puxem as orelhas
 Bofetadas, pontapês,
 Que passeie sobre grelhas,
 E...condenado ás galês!

E, com a voz maguada,
 Disse com odio e com dôr:
 Se a navalha é violada
 Que será do assentadôr!

MUZEU

- O cabide de soveiro do Antoninho Portela.
- A móca do Manuel do Tanque.
- O mesmo instrumento de defesa, do David.
- O confeti azul e branco do casamento.
- As chancas do Estanislaui.
- O estojo roubado do *coté* do se Zezinho.
- O cachimbo britânico dum nosso colega nas lides.
- O pano *d'encolhe-estira*, do cinematografo.
- A rosca de folha, sem sineta, da Padaria Maria Antonia.
- As chancas á Jejum, do Solipita.
- O gramofone dos bailes particulares dos primos.
- O lago do Largo da Calçada.
- Os polainitos apostolicos do sôr Albino.
- O colête heroi 29 de Junho, do Ventura Ferreiro.

Ao de leve

Então, snr.ª Eufrazia, a sua rapariga vai melhor?

—Aguardecido snr.ª Brigida, mas ela melhor não vai nada. A gente é *probe* não tem os meios *nessairos*, os *rumedios* são tão caros...

—E porque a não mete voce-mecê no *isprital*?

—O quê? Pois voce-mecê julgará que eu estou tola?

—Credo, Santo Nome, não se zangue. Olhe que vai p'ra lá muito boa gente.

—Isso foi tempo, snr.ª Brigida, foi tempo em que naquela casa dos *probes* havia um bocado de respeito, mas agora...

—Que me diz, snr.ª Eufrazia?

—E' isto mesmo, snr.ª Brigida: antes quero a minha filha morta, do que viva e com um filho...*corista*...

—Em nome do Padre, do Filho, do...

—Adeus snr.ª Eufrazia.

—Passe muito bem, snr.ª Brigida.

DESPEITO

Já sei que vais casar-te. Parabens!
 E tens um noivo chic, um moço belo;
 E' pena ser zarolho e sem cabelo,
 E ter bigode igual ao que tu tens!

De resto, quanto a rico, a ter vintens,
 Parece que melhor não podes te-lo;
 Se agulhas já não levas, p'ra cose-lo,
 Um dia, pela porta, a pedir vens!

Mas casa-te Maria e não te esqueças
 Do muito que por mim já padeceste;
 Das juras, dos carinhos, das promessas.

Recorda-te dos beijos que me deste,
 Dos dias por vielas e travessas
 Das noites que comigo te perdeste.

Pipili.

Senado Mancipal

Ele aí está!...Firme como um sargento, de alabarda em punho e pé no ar, com o Alcaide de Faria a passeiar-lhe nos miolos, os botões luzidios a destacarem-se na sua farda negra de vivos

verde-gaios, o Serantas espera que cheguem os *inlustres* edís para curvar em, ponto de interrogação, a sua preciosa carcaça.

Vão chegando pouco a pouco.

Primeiro o sôr presidente, de vilas e bujarrônas a todo o vento; depois o sôr Ramilhete sobraçando a pasta dos seus estudos sobre os baldios, o sôr Mosquinha, de *liberté*, o sôr Brito distribuindo mezuras e que increpa o Antas que, cerimonioso, já abaixava a cabeça, servilmente:—

—Oh amigo! As contumélias são exclusivas meu.

Sóbe o pano, descem os majestaticos senadores ás respectivas poltronas e começa a função.

Toma a palavra e um copo d'agua o sôr Mosquinha que num quente o fogo-so discurso protesta contra a prepotencia que o sôr Kgaio quiz exercer contra as suas trazeiras, construindo um balcão (vulgo janela) na porta posterior do seu predio.

Tem palavras candentes contra aquê-ile illustre fabricante de pinos e sovêlas, mostrando com factos provados o heroísmo dos revolucionarios do 14 de Maio, o efeito das Pilulas Pink e dos gazes asfixiantes.

Largos e calorosos aplausos acolhem o final de tão brilhante discurso, resolvendo o Senado, como prova de solidariedade para com o conspicuo coléga, consentir em que o sôr Kgaio fizesse a obra.

Neste momento entram os sôres Neves e Fidalgo do Mosqueiro, que são recebidos com demonstraões de alegria pelos restantes senadores, pelo busto da Republica, pelo Vilas e demais objectos que, na sala, se encontravam.

Logo que ocupa o seu *fauteille* o sôr Fidalgo, pede a palavra, que lhe é concedida.

—Eu, como unico e legitimo representante do lista dos *sabios*, protesto, ouçam bem, contra o desbarato de agua que se está fazendo: A «Era» que é o meu órgão, apesar de não ter fóles, vem de ha muito provando que não existe agua nos reservatorios.

E porque não ha agua? A razão é bem simples. Está-se a estragar para fazer sair o Cavado do seu leito, para fazer gastar aos barcelenses um dinheirão em galochas e guarda-chuvas. Porque se não aproveita essa agua? Porque se não arranja um balde do tamanho do Campo da Feira que recolha todos esses mananciais e que esteja em comunicação *ipso facto* com os reservatorios? Ah senhores! falta aqui a iniciativa grandiosa do Agua d'Unto e a palavra fluente do Pulga senador. Se houvesse disto, outro galo cantaria. Tenho acabado.

Resolvido mandar fazer o tal balde e um mais pequenino para dar de beber ao burro do sôr Artur...quando vier em carro puchado a um cavallo só.

Entram em seguida no expediente:

—Um officio assinado pelas ruas da vila, pedindo que lhes seja concedido um caldinho de galinha e algum *presigo*, porque já estão fartas de tantas *papas*.

Com vista ao *herdeiro* Mata Sete.

—Um pedido do Gaiolas para que lhe sejam emprestadas as *gigantas* para divertimento dos meninos que vão á doutrina.

Que se informe de que as *gigantas* são *livres pensadeiras* e que por isso não podem entrar em egrejas católicas.

—Uma queixa do Davidinho contra o Saragoçano, por dar poucas noites de luar no repertorio para 1916, o que ocasiona grande gasto de petroleo.

Resolvido que o Antas estude o assunto, quando vier a luz electrica e se fôr...o petroleo macaco.

Nesta altura o sôr Ramilhete que até ali estivera calado, levanta-se congestionado e grita:

—Alto senhores! Estamos a cometer um crime. Ha muito já que esta sessão devia ter termiaado como homenagem e preito de veneração pelo muito que o Senado deve ao glorioso «Sardão» que passou o seu aniversario no dia 15 p. p. E' um acto de verdadeira justiça.

Como o sôr Fidalgo, que representa a oposição, se não opuzesse, foi encerrada a sessão, indo o Antas içar a bandeira e o Vilas repenicar o badálo. Não houve foguetes, por o Laranginha andar á pesca. Senão...

Canto do Sabiá

*Chigado hoji di lá
Eu vi cara á sê Zezinho.
A'chei-o ássim mais móço
E até mais pécéguinho.*

*Tanta foi á tentação
Qui lhi dei muitá beijóca!
O' qui gosto, qui sábor!
Mi pár'cia mandiôca!*

*Ai Jésus, Nossa Sinhôra,
Deus mi livre do pécado.
Más ágora, áqui p'rá nós,
Paréce qui está voltado?*

Pindahiba.

AINDA E SEMPRE O CASO DOS OVOS

O que se continua a passar sobre o caso dos ovos é infame.

Não sabemos como pessoas que primam por se dizer educadas, respondem insolentemente áqueles que

se veem na necessidade de buscar ovos.

Isto é indecoroso. Isto não se pode admitir.

Só canalhas, só arrieiros seriam capazes de empregar a linguagem e atitudes dessas pessoas que tinham restricta obrigação de ser bem educadas e procurar por todos os meios ao seu alcance aliviar um pouco a crise de todos os generos de primeira necessidade com que no presente momento lucta toda a gente, mas especialmente, os pobres, aqueles que levam uma vida desgraçada, cheia de pobreza e miseria.

Mas não é só a indignação causada pelas desabridas respostas, é tambem o desplante com que se diz ao publico que não ha ovos, quando é certo, e nós afirmamos, que eles existem, aos cestos, para serem fornecidos aos amigos politicos e ás pessoas de intimidade até do Porto, ás duas, trez e seis duzias.

Não pode continuar este favoritismo só proprio de réles politiqueiros e de descarados sem consciencia.

A proposito deste caso, seja-nos consentido de relance felicitar o snr. presidente da camara pela proibição que fez aos zeladores, de apreenderem mais ovos.

E' claro que não devia admitir que os seus empregados, andassem por conta de *mandões* a comprar ovos para sustentar uma clientela de amigos politicos.

Cinematografo

Em telegrama com nota de urgente participa-nos a Empresa Cinematografica que dará sessões nos dias 24, 25 e 26 do mez corrente.

Parece que no dia 24 haverá ali, á discrição dos espectadores e com entrada gratuita, amplas travessas de rabanadas e mexidos só a quem tiver consoado bem em casa e não padeça de fome canina, porque, em caso contrario, as fitas subirão de preço e serão ministradas em doses de meio centigrama por caveira, afim de evitar indigestões.

Ninguem falte, pois.